VERDADE

ORGAM DE PROPAGANDA ANTE-JESUITICA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

ANNO I

Florianopolis, 5 de Março de 1903

N. 2

RESPOSTA

AO SERMÃO DO SENHOR MANFREDO LEITE, PADRE CATHOLICO, APOSTOLICO ROMANO

«...Dóe dizel-o; mas forçoso é dizel-o; já não são nossos «Patricios, já não são Brasileiros».

Impulsionado por um acto de justiça, e como prova de solidariedade convosco, fui hontem assistir o vosso sermão, por occasião das festividades em attenção a sua Santidade Leão XIII.

Vi que a surpresa, estava estampada em muitos rostos; julgando-se talvez que a minha presença tinha em vista um desacato a Religião Catholica.

Para esta parodiarei as palavras de Jesus «Pai perdoai-lhes; porque elles não sabem o que pensam».

Apello para todos os Catholicos, que digam se da minha parte houve um acto por infinitesimal que fosse por onde se podesse deprehender, que tivesse intenção de redicularisar sua Religião.

Tenho a certeza que todos dirão «Não»; e outro não poderia ser o meu procedimento, visto como, Catholica é minha Familia e a minha tolerancia é tal que apesar de «livre pensador», consinto que minha Filha «ame os Santos e o Papae do Céu».

Não ataco a Religião Catholica em sua synthese; fulmino apenas seus dogmas.

Não renego o perfil digno e divino mesmo de Jesus; porque a sua resignação foi tal, que só mesmo a Fé, que tinha de ser Filho de Deus, lhe daria forças para chegar tão dignamente ao seu fim.

O que ataco é a estulta infallibilidade Papal; o celibato do clero; o confissionario; os conventos e todas as confrarias religiosas, por estarem todas debaixo do poder dos jesuitas.

Eu lucto contra este clero expulso de suas patrias, e que aqui trama contra a integridade Nacional; cerrando fileiras ao lado dos Dignos Sacerdotes Brasileiros.

Indo a Igreja, esperava ver Jesus dignificado; e dignificada a minha pobre Patria.

Esperava ouvir do pulpito palavras, como as que ouvi em Cuaityba, proferidas pelo Senhor Conego Braga «Espero ainda ver esta batina, tão aviltada n'este seculo e perante o conceito da Mocidade de minha Patria, espero vel-a dignificada pelo Clero Nacional, levantando bem alto em uma das mãos a Cruz Redemptor

outra a Bandeira Nacional, pavilhão da Patria.

O perigo não é a Bolivia. O perigo é esta nuvem negra que cobre os horisontes da Patria; o perigo é esta aguia que empolga 3 dos estados do sul, e de conquista em conquista, pretende breve talhar a Patria Brasileira»

Então eu, «um livre pensador», afastei o yovo e de chapéo na mão, fui abraçar o meu Patricio, Digno Sacerdote Brasileiro.

Notai bem, Sacerdote Brasileiro; porque elle mesmo escreveu «Padre Catholico Apostolico Brasileiro».

Indo a Igreja, esperava que me fosse dada a mesma satisfação; infelizmente porém tive a mais completa desillusão.

Ouvi a voz do Vaticano, ouvi a sua apologia; e no entanto para minha querida Patria, nem ao menos se fez um apello a Deus para evitar a sua ruina.

Eu que havia entrado cheio de vida, cheio de esperanças; sahi humilhado como um se um trahidor fosse.

Eu porém sou d'aquelles que se tem lagrimas para as dores da Humanidade; tenho tambem Fé e bastante ardor, para não descançar emquanto o inimigo estiver dentro do territorio Nacional.

«São 4 horas disse o General a Napoleão; ainda nos resta porém tempo para termos uma victoria com dia».

E assim foi.

Eu tambem direi aos meus Patricios «perdemos um combate, mas resta-nos ainda argumentos para nossa Victoria.

A postos Mocidade Brasileira! Mostremos que o nosso ardor não decresse pelo facto de vermos reduzidas as nossas fileiras».

..

Deixemos este ponto e vou dirigir-me directamente ao vosso sermão.

Peço-vos desculpar-me se interpretar mal o vosso pensamento; porque vossa palavra é tão fluente, que apesar de todo o meu esforço, não consegui firmar todos os pontos, e no entanto deveis concordar que de todo aquelle audictorio, eu era o mais interessado; visto como via em jogo o interesse Nacional.

Eu vos acompanhei, até o fim de vossa bella oração.

Eu vos vi recolhido a Deus, pedindo-lhe orientar-vos; e eu um «livre pensador», mentalmente pedia tambem ao Deus de minha Familia, que vos inspirasse no interesse da Fé Catholica e da Patria Brasileira.

Reinava silencio; e este silencio era respeito a Deus e uma homenagem prestada ao talento.

Terminada a oração a Deus, erguestes-vos e saudastes em primeiro logar ao Senhor Governador do Estado.

Houve da vossa parte um erro; que restabeleço em nome da Constituição.

O Senhor Governador não esteve na Igreja ou pelo menos não podia ter estado; porque a Constituição da Republica, não permite que os governos tomem parte oficialmente nas festividades religiosas.

O vosso erro explica-se; porque o Senhor Governador fez-se acompanhar pelo seu secretario e pelo seu ajudante de ordens.

Como republicano protesto contra semelhante attentado a Constituição de 24 de Fevereiro.

O Senhor Vidal Ramos tem o direito de ser Catholico; contesto-lhe apenas o direito que julga ter no seu character politico.

Feito o protesto continuo.

O vosso sermão foi bello na forma; porém foi fraco no fundo.

Sei que teres recebido muitos abraços; mas faço-vos justiça, dizendo que preferis uma contestação de um homem obscuro, porém que estuda, do que os applausos de uma multidão inconsciente, incapaz de discernir entre duas verdades.

Quizestes fazer a synthese da evolução humana, foi um trabalho herculeo, que demonstrou os vossos conhecimentos; mas a vossa synthese não resiste a critica.

Partistes de um ponto verdadeiro «a espada representando a força bruta» e quizestes chegar a «Cruz representando o Amor»; mas a vossa trajectoria não foi logica.

Pintastes a espada gotejando o sangue das victimas, sacrificadas á politica da Roma Conquistadora; mas esqueceste-vos de pintar a rubra de sangue das mulheres velhos e crianças, nas guerras levantadas pela vossa Egreja e na saturnal conhecida na Historia por Bartholomeu, em que os vossos correligionarios em menos de 48 horas sacrificaram 30 mil Francezes, homens, mulheres e crianças.

Verberai esta espada; mas verberai-a em todas as situações.

Atacal-a quando representante do poder temporal; e dignifical-a, quando as ordens do Vaticano, é uma injustiça, e o filho de vosso Deus, Jesus, sempre primou pela justiça.

Pintastes o Vaticano «o quebra mar»

que tem resistido e resistirá até que a vida deixe de existir na face do Planeta.

E' uma verdade; mas precisamos salientar, como resiste este Vaticano.

Elle é realmente o quebra-mar onde vão ser fulminadas todas as verdades, todas as virtudes, toda a sciencia; porque elle só admitta o syllabus.

E' o «quebra-mar» onde vão partir-se as aspirações do proletariado, representado em sua dupla corrente «os socialistas e os anarchistas»; porque sabeis que um dos pontos do seu programma é o vosso desaparecimento, e o outro é o livre pensamento, causa absolutamente desconhecida no Vaticano.

Disastes que Leão XIII, tinha e tem cogitada da questão social; mas esqueceste de dizer se elle tinha encontrado a incognita deste problema, visto como sendo inspirado por Deus, segundo vossa crença, a sua solução tinha que ser infallível, como infallível é sua pessoa.

Citastes as palavras seguintes «Os estados as vezes dobrão-se por necessidade de sua vida politica»; e concluístes que o Vaticano nunca deixa sua linha.

Em nome da Historia protesto; porque o Papado curvou-se ante a espada de Napoleão I, não forçado a Pariz, como lhe impoz Bonaparte.

Novamente protesto em nome da Historia; porque o Vaticano, recuou ante os Turcos, depois de haver conflagrado a humanidade nas cruzadas, terminando por abandonar aos Infieis o pretengo tumulo do fundador da vossa Igreja.

Os estados dobrão-se, é verdade, mas dobrão-se ante um poder igual ao seu; e o Vaticano, continuação de Jesus, Filho de Deus, tem-se dobrado ante o poder dos homens.

Qual é mais aviltante, o homem dobrar-se ao homem; ou o representante de Deus dobrar-se ante o homem?

Quebrastes as lousas que cobrem os tumulos dos Infames Nero e Caliguia; mas esqueceste-vos de quebrar a dos Papas «incestuosos, assassinos e ladrões».

Diga-se a verdade; mas tenha a coragem de ir até o fim.

O vosso fim era a apothose de Leão XIII; e o collocastes muito acima de Jesus.

Em nome da logica universal, protesto contra tal apothose; porque Leão XIII, que deixou-se mystificar durante 12 annos por Leon Pagis, mais conhecido por Léon Taviel, não merece o conceito dos homens criteriosos.

Florianopolis, 4 de Março de 1903.

Pedro Maria Trompowsky Taulois.

Em toda a parte onde haja um prelo, uma tribuna, uma praça, ha de ferver um coração de patriota, impunhar-se uma penna inflamada, abrir-se uma bocca inspirada, no direito, extender-se o rastro a propaganda libertadora, e tocar-se a postos entre os homens de bem contra o peor de todos os cazarismos: «o cazarismo Clerical».

Ruy Barbosa.

Por Christo ou pelo Papa

Atravessamos um momento em que se torna um dever imperiosissimo a cada cidadão, definir-se em materia religiosa: Pelos Evangelhos de Jesus ou pelo syllabus do Papa.

O antagonismo que existe entre estas duas individualidades, e que os separa inteiramente, exige que nos manifestemos franca e lealmente, por um ou pelo outro. A nossa profissão de Fé, ha muito, está no dominio publico, somos por Christo; não por uma simples adhesão, á semelhança do que, os Isabelistas imperiaes, fizeram á forma de governo republicano, instituido em a nossa Patria á 15 de Novembro; mas pelo coração, pelo espirito e pela intelligencia.

E' absurdo tentar a reconciliação entre elles: Christo é a verdade, e o papa é o erro; Christo é a liberdade, o papa é a oppressão; Christo é o amor; e o papa é o odio, a inquisição; as trevas emfim; Christo, santificou no alto illuminado do Golgotha, a liberdade da consciencia humana; elle que foi a tolerancia, o perdão, o amor e a fraternidade entre os homens, (*Perdoae-lhes, Pai, elles não sabem o que fazem*) renunciava a purpura vaidosa e fatua, que até hoje prende-se aos hombros da aristocracia theocratica do papado, e, vivia, humilde entre os humildes, unica e exclusivamente para o seu luminoso ideal de regeneração, evangelizando os povos, arrastando-os, carinhoso e magnanimo, pelo hypnotismo de sua palavra inflamada de Fé, para o Bem, para a verdade e para o Perdão.

O papa, ó doloroso contraste! explora cynicamente a consciencia dos simples, empolgando-a, polvo sombrio, no confissionario, reduzindo-a a instrumento dos seus teberosos designios; mercadeja nas Basilicas e nas Cathedraes, com a ignorancia dos humildes, fanatisando-os, em nome da comedia burlesca de um paraiso, onde Santo Ignácio de Loyola e Toquemada, receberam a palma verde da bemaventurança inquisitorial: institue congregações religiosas, antros de miseria, de corrupção; anathematiza o progresso do espirito humano, excommunga a sua evolução natural, que, por ironia do destino, victoriosa sempre, caminho da perfectibilidade, lá se vae, pulverisando dogmas, reduzindo-os ás suas verdadeiras proporções de quixotismo grotesco, emancipando espiritos, que ainda ha bem pouco, soluçavam e gemiam enchoviados, dentro da noite tenebrosa do inferno do clericalismo romano, n,uma afflicção terribilissima de desespero!

Pelo Evangelho de Christo ou pelos syllabus do Papa.

Ou combatemos *ao lado da cruz, labaro benedito da religião do bem e do amor* ou ao lado do papa, pela sua ridicula *infallibilidade*, grilhão com que a Igreja de Roma pretende escravisar a consciencia humana.

«Electra» organ da Liga Anti-Clerical
—Curityba, Dezembro de 1901

UM LOUCO!!!

Sou um Louco senhores jesuitas; porque não quero transformar-me em Judas, para vender a minha Patria—por trinta dinheiros.

Sou um louco; porque vos esbofeteio moralmente mostrando os vossos crimes, emquanto que vós senhores Jesuitas não sereis capazes de provar que eu seja um *Ladrão, Bebado, Jogador, Assassino, Deflorador, Mao Marido, Mao Pai, Mao Filho, Mao Amigo, e Mao Cidadão.*

Sou um louco sim senhores jesuitas; mas a minha Loucura me impulsiona para actos nobilitantes.

Sou um Louco senhores jusuitas; porque velo pelas vossas Filhas, impedindo-as de ir servir de pasto aos lubricos frades.

Sou um louco senhores jesuitas; porque quero fechar as cadeias, abrindo Escolas.

Sou um louco senhores jesuitas; porque lucto pela ordem social, contrariando a acção dissolvente da vossa mesquinha politica de interesses.

Sou um Louco senhores Jesuitas; porque sou um admirador de Jesus.

E vós senhores jesuitas sois lucidos; porque seguís outro caminho em tudo contrario ao meu.

Este Louco senhores jesuitas é mortal, e vos que tivestes poder para envenenar Clemente XVI, que vos fulminou em seu Breve, tendes ainda poder para dar a morte physica a este Louco.

Este Louco baixará então á sepultura, por entre as vossas gargalhadas, mas tem a certeza que a Mocidade terá para elle, algumas lagrimas; porque ella sabe que luctando contra vós senhores jesuitas, luctava pela dignificação da Familia, da Patria e da Humanidade.

Antes ser Louco, como os phariseus considerarão Jesus; do que Lucido como a historia considera Judas.

Pedro Maria Trompowsky Taulois

— « » —

Miseraveis

V. HUGO

O Bispo em presença de uma Luz desconhecida.

(Continuação)

—Vamos á explicação que me pediu. Em que ponto iamos nós? O senhor que me dizia? Ah! Sim! que 93 fôra inexoravel?

—Inexoravel, isso mesmo! disse o bispo. Que lhe parece de Morat batendo palmas em frente da guilhotina?

—Que lhe parece de Bossuet cantando «Té-Deum» pelas dragonas?

A resposta era cruel, mas ia direita ao alvo com a rigidez de uma ponta de aço.

O bispo estremeceu e emmudeceu, porém ficou resentido de ouvir fallar em Bossuet de semelhante modo.

Proseguiu elle, (o convencional).

—Digamos ainda algumas palavras de corria, o que até estimo. Tirando a revolução, que, tomada em geral, foi uma immensa affirmativa humana, 93, foi desgracadamente uma replica. O senhor acha-a inexoravel; mas que tem sido a monarchia, senhor? Corrier é um facinora; mas que nome dá a Montrevel? Fouquier—Toinville é um miseravel; mas que conceito fórma de Lamoignon Bôville? Maillard é uma creatura execravel; mas que diz de Sauld—Tavennes? O padre Duchene é um homem feroz; mas que epitheto acha o senhor que merece o padre Letellier? Jordan—Coupe—Tete é um monstro, porém sempre é menor do que o marquez de Louvois. Senhor, senhor, eu lamento Maria Antonieta archi-duqueza e rainha, *porém não lamento menos aquella pobre mulher hugu note que em 1685, no reinado de Luiz o Grande, note bem, foi atada a um poste, nua até a cintura, com o filhinho que amamentava preso a alguma distancia; entumescia-se de leite o seio da pobre mãe e arfava-lhe de angustia o coração; a infeliz creancinha, esfomeada e pallida, agonisava e gritava, sem poder collocar os labios n'aquelle seio, e o algoz dizia á mulher mãe do innocente: „Abjura” dando-lhe a escolher entre a morte do filho e a da consciencia?* Que lhe parece este supplicio de Tantaló acomodado a uma mãe! Senhor, note bem isso; a revolução franceza teve suas razões. A sua ira ha-de encontrar absolvição no futuro. O seu resultado foi o melhoramento do mundo. Os seus golpes mais terribes escondem um afago ao genero humano. Resumirei e rematarei. Não escaseiam arhumentos, mas a morte avisinha-se!

O bispo disse:

—Esta é a hora de Deus. Não acha que seria para lamentar que o nosso encontro não tivesse resultado?

A estas palavras, o convencional reabriu os olhos com aspecto de sombria gravidade.

—Senhor bispo, disse elle com lentidão, procedia mais talvez da dignidade de alma do que de desfallecimento de forças, tenho passado a minha vida na meditação, no estudo e na contemplação. Contava sessenta annos quando o meu paiz me chamou a tomar parte nos seus negocios. Obedeci. Havia abusos, combati-os; havia tyrannias, destrui-as; havia direitos e principios, proclamei-os e professei-os. Estava invadido o territorio, defendi-o; estava ameaçada a França, expuz o meu peito. Não era rico, estou pobre. Fui um dos senhores do Estado; os subterraneos do Banco achavam-se atulhados de dinheiro, a ponto de ser preciso escorar as paredes para não abaterem com o peso do ouro e da prata, e eu ia comer a uma hospedaria da rua da Arvore Secca, onde se jantava por vinte e dous soldos. Soccorri os opprimidos, protegi os que soffriam.

Rasguei as toalhas dos altares, e

verdade, mas foi para ligar as feridas da Patria.

Sustentei o progresso da humanidade para a Luz e oppuz-me algumas vezes ao progresso inexoravel. Protegi sempre que pude os meus proprios adversarios; haja vista o convento de urbanistas chamado de Santa Clara, situado no logar de Petteghem, em Flandres, exactamente onde os reis merovingios possuíam o seu palacio de verão, que eu salvei em 1793. Cumprí com o meu dever até onde pude e fiz o bem que me foi possivel. Ao cabo de tudo isto, fui expulso, perseguido, difamado, escarnecido, conspurcado, amaldiçoado, proscripto! Sei, desde muitos annos, que apesar dos meus cabellos brancos, muita gente julga ter direito a desprezar-me; para a multidão ignorante tenho cara de reprobó e eu resigno-me sem odio ao isolamento do odio. Agora, que conto oitenta e seis annos vou morrer. Que pretende o senhor de mim?

—A sua benção, disse o bispo.

E ajoelhou.

ANTE-CHRISTO

«Christo foi judeu e viveu judeu, e o papa faz queimar judeus; aquelle viveu pobre, este é rico; aquelle pagou tributos, este exige tributos; aquelle submetteo-se ás auctoridades estabelecidas, este estabeleceo-se auctoridade; aquelle andava a pé, este anda em sege; aquelle comia tudo que lhe davão, este prohibe-nos comer uma costelêta na sexta-feira; aquelle prohibia a Pedro desembainhar a espada, este tem uma guarda de tresentos homens; logo este que faz em tudo o contrario do que Christo fazia, é o Ante-Christo».

Voltaire.

Da „Esphyngé” organ da Loja „Luz Invisível”—Corityba

Depois que a Mãe de Henrique morreo o Pae ficando entrevado não podia trabalhar para dar pão e roupa aos dois filhos.

Henrique tinha sete annos e um coração de pequenino anjo, bom e doce.

Como hei de ajudar o papae? dizia consigo. E procura um meio, pensando muito. Um dia Henrique chegou-se ao leito do Pae e disse:

Papae, quero trabalhar; sou pequeno mas posso ajudal-o.

Vou ser vendedor de jornaes.

O Pae sorriu, fazendo ver ao filho que era arriscado correr, tão pequeno, as ruas da cidade, podendo ser esmagado pelas rodas de algum carro.

Terei cuidado, papae; disse Henrique Obtida a permissão do Pae; Henrique a tarde, se dirigio ao escriptorio de um dos diarios. O gerente, ouvindo-lhe a narrativa, ficou com pena do menino e deo-lhe alguns jornaes para vender.

Ninguem era mais delicado e insinuante que Henrique para offerecer o jornal; vendia muitos exemplares sempre activo infatigavel, correndo as ruas, subindo aos

bonds, os olhos negros e vivos, a face pallida e triste.

Logo que acabava de vender os jornaes antes de recolher á casa, Henrique ajustava contas com o gerente, sem que nunca faltasse um vintem. E o gerente estimava o menino, honesto, sempre delicado e respeitoso, sempre disposto ao trabalho. Mal chegava á casa com a fêria do dia, Henrique beijava á mão ao papae que o abraçava e abençoava Rara era a vez em que não levava á Maria,—sua irmansinha,—uma flor, uma bala, uma lembrança.

Acontecia por vezes faltar pão as creanças dos vizinhos, todos pobres! Maria o levava.

Durante o dia os dous irmãos estudavam, cuidavam da casa e do jardim, onde nunca faltavam rosas flores que tinham o nome da Mãe de Henrique e Maria.

Aos domingos as duas creanças, mãos dadas, sempre amigas iam ao cemiterio levar flores á sepultura da mamãe tão bella e tão boa!

O Pae gravava assim no coração dos filhos a lembrança dignificadora daquella que fora o anjo do lar e a felicidade de sua vida.

Uma tarde chovia a cantaros quando Henrique sahio vendendo jornaes, poucas pessoas transitavam. As ruas cheias de lama, estavam escorregadias Henrique apregoava o jornal, correndo gritando, as portas. Passou um bond; o menino correo ao bond; mas escorregou e os jornaes cahiram.

Tudo perdido!—exclamou. Nenhum exemplar servia mais, todos cheios de lama.

Que farei? murmurava consigo.

Que direi ao gerente? E meo Pae, e minha irman que me esperam, nada terão para comer amanhã!...

Meo pobre Pae Pae tão doente! E a ceguinha aquella ceguinha que mora perto de casa, a ceguinha que hoje não teve pão, e a quem prometti dar alguma cousa na volta!... Que fazer?!

Não poudé reter as lagrimas; soluçava.

A chuva passava, homens apressados olhavam-no e seguiam indifferentes. Ah! minha Mãe! murmurou.

Nesse momento deante de Henrique um moço alto, sympathico, o olhar meigo, vestido de preto.

Que tens, pequeno?

Henrique levantou a cabecinha de anjo. Fitou o Desconhecido, suavemente.

O moço sentio-se tomado de irresistivel sympathia pela creança. Parecia em torno da cabeça do pequeno hervé brilhava um resplandor de martyr.

Que tens? Dize!

Animado pela voz amiga, Henrique contou sua historia.

Quanto deves ao gerente?

Henrique respondeo.

Quanto costumás ganhar por dia?

Henrique disse.

Aqui tens.

A creança empallideceu o peito arfou mais forte e uma nova torrente de lagrimas banhoulhe o rosto.

Porque choras ? Toma !
E' muito !
Toma guarda.
Como o senhor é bom.
Sou bom porque és digno.
Obrigado.
Bem; vae ! adeos.
Mas Henrique não se movia.
Que queres, fala ?
E' muito dinheiro.
Guarda é teo.
Não ! E' muito; basta o que perdi...
E' todo teo.

A creança hezitou ainda alguns momentos; depois perguntou:

Como o Sr. se chama ? onde mora ?

Como unica resposta, o Desconhecido curvou-se, beijou-a frente de Henrique e partio.

Como é bom,—disse Henrique. Fossem todos assim !... Ah ! mas, ha tantos maos.

E a ceguinha ? !... vou dar-lhe o dinheiro que sobra... A coitadinha hoje vae ter pão, vae ter luz...

E, pareceo-lhe, a voz de sua Mae falava dentro delle, e lhe dizia assim:—Luz sim Henrique ! Luz Invisivel para os olhos do corpo; luz visivel para os olhos da alma; luz da piedade, luz do amor, luz que da esperança !... Sê bemdicto, Henrique.

..

Passaram annos. Henrique continuava estudioso e trabalhador. Tinha agora doze annos. Era robusto e agil. Estimado de todos, era querido dos companheiros por sua coragem e bondade. Protegia sempre os mais fracos; era justo, não mentia nunca.

A irmansinha de Henrique,—Maria continuava sendo o encanto do lar, a inseparavel companheira do papae sempre emfermo.

Nunca mais Henrique podera encontrar o Desconhecido, aquelle joven alto e sympathico, de olhar meigo que o soccorrera uma tarde. Henrique não esquecia ! Pensava nelle com gratidão e estima e a si mesmo repetia aquellas palavras:

«Sou bom, porque és digno !»

Uma tarde Henrique, tendo vendido os jornaes, voltava para casa, quando notou ante um edificio que parecia um templo, grande numero de pessoas, todas de preto. Havia signaes de dor em todos os rostos. O coração bateo-lhe rapido no peito.

Que seria ?

Henrique entrou no Templo e vio uma eça na meo da nave, tendo um esquiife em cima. Resavam.

No esquiife alguém todo de preto, levando á mão esquerda um ramo de Acacia.

Henrique adiantou-se para ver melhor. Elle exclamou. E sahio do Templo correndo para casa.

Arfava quando chegou a porta do lar. Que tens, Henrique ? perguntou o Pae. Morreo... elle morreo, papae !

Quem, filho ?

O moço que pagou os jornaes, aquella tarde, quando chovia muito...

Tem paciencia meo, filho !

Vou levar-lhe todas as nossas flores.

Leva-as meo filho; vae !

Henrique e Maria, depressa, depressa

colheram os flores todas; e Henrique sahio correndo.

Voltou ao Templo; não havia alli mais ninguem. Voou ao cemiterio.

O caixão do Desconhecido, daquelle moço alto e sympathico, de olhar meigo que s soccorrêra baixara á sepultura, quando Henrique chegou.

Rapido, tomou as flores, ás mancheias atirando-as muitas, muitas, muitas sobre o esquiife. Brilhavam-lhe os olhos, enxutos agora como se a gratidão que sentia lhe seccassem as lagrimas.

Todas as pessoas, muitas levando ás mãos um ramo de Acacia, olhavam sem comprehender para o vendedor de jornaes, descalço, a camisinha remendada, o chapéo amarrotado debaixo do braço,

Ninguem o deteve. E os flores cahiam tombavam muitas, muitas cobrindo o esquiife.

E's bom menino, disse-lhe um velho.

Sim; porque elle foi bom e digno.

E, beijando a ultima rosa, atirou-a num derradeiro adeos prorompente em soluços.

—«»—

Ha pregações peores que comedias, porque são farças.

Padre Antonio Vieira.

—«»—

Ao illustre redactor da

„Verdade”

(Continuação)

Pretende o sabio auctor do artigo em questão lançar o ridiculo sobre alguns officiaes d'esta guarnição pelo facto de serem positivista; procurando mais ainda ridicularisar tal escola, e ao mesmo tempo pretende pulverisar a mais digna das instituições humanas «a Maçonaria».

Como sympathico ao positivismo e como official presentemente n'esta guarnição; venho responder ao sabio articulista d'«A Verdade» jornal francamente jesuita, deixando á Maçonaria tomar o caminho que mais digno achar.

Diz o sabio auctor do artigo em questão que pretendia publicar alguns artigos contra o positivismo; mas que deixa agora aos novos lentes o trabalho de «comprometter» as doutrinas de A. Comte.

Em primeiro logar lamento que o sabio jornalista, deixe o povo desconhecendo as mentiras contidas no positivismo; visto como desejava conhecer este cerebro potente, que em alguns artigos lança por terra uma escola, que tem tido e tem setarios, como Bemjamim Constant, Teixeira Mendes, Lauro Sodré e tantos outros, reconhecidos pelo paiz como verdadeiras capacidades scientificas.

Por outros lado, em nome do positivismo, eu agradeço o alto conceito em que tem esta escola; visto como o mesmo articulista diz «que os novos lentes irão comprometter taes doutrinas», patentecendo assim os nossos fracos conhecimentos ante a genial concepção de Augusto Comte.

Entrando em outra ordem de considerações diz «A Verdade» orgam jesuita «Assistimos as ameaças pueris e brutas de jovens militares á occasião d'uma missão Catholica, cujo fim exclusivo era elevar o nivel moral do povo».

Sinto que «A Verdade» orgam jesuita não tenha determinado o local; afim mesma mocidade protestar, caso julgasse necessario.

Mas para «A Verdade», jornal jesuita ser logica, ja que falla em liberdade de verberar o procedimento desta mocidade verberasse a intolerancia clerical, que Hespanha, lançou nos «Pios» castigos «Santa Inquisição» (!) 341.709 pessoas conservando tal quadro aos olhos de fieis, afim de que estes não cahissem em igual excesso.

Em nome da Liberdade deveria protestar contra o «Indice», afim de evitar que Papas como o Leão XIII, fossem n'le incluido como heretico.

Diz mais o sabio auctor do artigo «A Verdade» orgam jesuita, que «tal missão desacatada pelos jovens militares tinha um fim exclusivo elevar o nivel moral do povo», mas para ser logico deveria verberar o procedimento do clero Norte do Brazil, que embruteceo as mulheres, dando logar que Filhos, Esposas Mães, com o distinctivo do «Sagrado Coração de Jesus», armados de punhais garruchas, quizessem dar a morte a pastor protestante.

Quasi ao concluir diz o sabio auctor artigo d'«A Verdade» orgam jesuita, que «.....quem cobre a luzida farda militar com farrapos de uma capa, pseudo-philosophica, este resigna ipso-facto a intangivel dignidade de um defensor da Patria, este não se admire se cahir no menos preciso e no escarneo.....»

Que farrapos são esses ? Quererá «A Verdade» orgam jesuita, referir-se as insignias Maçonicas ?

Se ahí quiz chegar errou; porque insignias tem sido usadas pelos dignos Fazendeiros são todos respeitadas,—e os indignos tem na usado tambem, estes são hoje vossos companheiros, de tanto valor moral quanto Judas.

Termina o sabio auctor do artigo d'«A Verdade» orgam jesuita, com a seguinte tirada «Nós catholicos e comnosco tododia» v Brazil, bradamos alto: viva o exercito para honra ao bom soldado ! abaixo os sectarios e os philosophos !»; e nós os Catholicos conscientes e comnosco todos os mens de honra diremos: «Viva o exercitee que honra ao bom soldado ! abaixo os jesuitas trahidores á Patria».

Pedro Maria Trompowsky Taulois.

—«»—

«A razão deixou de ser impia. Não se fronta os dogmas. Faz outra cousa; quilla-os».

Ramalho Ortigão.

IMP. NA TYP. DA LIVRARIA MODERNA

8 Rua Republica 8
FLORIANOPOLIS